A grafia não convencional de "auxílio-material-escolar"

Márcia Murça Barroso

O processo de composição de uma palavra pode se dar por aglutinação, como é o caso de "pernilongo" (perna+longa), ou por justaposição, como é o de "perna-de-pau". Na aglutinação, quando há perda ou alteração fonética de uma ou mais palavras integrantes do composto, jamais se emprega o hífen. Já na justaposição, em que as palavras permanecem inalteradas, a presença do hífen marca o papel de parte da significação de cada uma delas na formação de um sentido novo, como ocorre em "guarda-florestal", "banana-maçã" e "peixe-boi"; e a ausência, o afastamento dos falantes em relação a tal função, como se dá em "pontapé", "girassol" e "mandachuva".

Esse emprego do hífen é bem conhecido do usuário de nossa língua. O problema ocorre quando ele se vê diante de certos grupos de palavras sem ter a noção de que podem carregar uma unidade de sentido. Para compreender mais facilmente o conceito de tal unidade, ele pode observar como se comportam algumas estruturas de mais de dois radicais – parte das palavras que contém o sentido, por isso chamada de "semantema".

"Mico-leão-dourado", por exemplo, nomeia uma espécie de "mico-leão", composto formado anteriormente para designar um tipo de primata com algumas características do leão, como a juba. Por nomear uma espécie, carregando um só significado, diferente daquele do composto de origem, "mico-leão-dourado" apresenta-se como uma só palavra, com hífen entre todos os elementos.

Outro exemplo inclui um vocábulo desprovido de radical, a preposição, que tem função de conectivo: "ostra-pé-de-cavalo". As regras atuais de ortografia aboliram praticamente o hífen nas locuções em que há preposição, por considerar já existir nelas um vínculo sintático bastante firme, capaz de consolidar vários desses sintagmas em nosso vocabulário. Em "ostra-pé-de-cavalo", porém, existe a necessidade de unir graficamente todos os elementos para instituir um nome, assim como na formação de outras designações do campo da botânica e da zoologia.

Dúvida renitente emergiu da necessidade de grafar "auxílio-material-escolar", principalmente pelo fato de "material escolar" prescindir do hífen, diferentemente do que ocorre com "auxílio-material". A denominação do auxílio para a compra do material escolar, porém, deve ter sua unidade de construção e de sentido marcada pelos hífenes (ou hifens). A grafia de "auxílio-material", acertadamente com hífen, junto de "escolar" ("auxílio-material escolar"), sem hifenização, não transmite essa unidade, ficando o adjetivo "escolar" desvinculado do substantivo "material", passando a poder vincular-se ao composto "auxílio-material", cujo principal elemento é "auxílio". Essa grafia, por isso, distorce a ideia original de denominação do benefício, "destinado ao custeio parcial das despesas com aquisição de material escolar básico aos dependentes" (Resolução n.º 670.026 – grifo deste artigo)[1]. Aliás, se fosse instituído um auxílio para compra de casa própria, não o poderiam denominar "auxílio-casa própria" (composto de gênero masculino com adjetivo feminino) ou, sem que haja distorção de sentido, "auxílio-casa próprio". Restaria a escrita "auxílio-casa-própria", assim como a de "auxílio-doença-de-chagas", "auxílio-material-pessoal", etc.

É inevitável a oficialização do registro "auxílio-material", mas isso não significa haver impedimento à ocorrência de outro, o de "auxílio-material-escolar", que, por ser nome mais específico, fará parte do vocabulário oficial, talvez, só nos próximos anos. A condição? O uso do termo pelos falantes e a aceitação desse emprego por nossos acadêmicos, que mostram uma compreensível preocupação com a formação subsequente de outras centenas de compostos.

São exemplos, entre muitos, de formação em que se exige a presença de hífen para propiciar a unidade semântica: "abelha-italiana-amarela", "milhete-branco-do-egito", "cabeça-dura-prego", "caiçarense-do-rio-do-vento", "canela-capitão-mor", "martim-pescador-pintado", "porta-guarda-chuva", "tenente-coronel-aviador", "para-sol-da-china", "peixe-agulha-d'água-doce", "couve-saboia-de-olhos-repolhudos", "bem-te-vi-pintado", "feijão-branco-das-canárias", "feijão-cutelinho-roxo", "parece-mas-não-é", "telão-de-seda-azul", "tem-tem-coroado", "azulão-de-cabeça-encarnada". ■

[1] Emile Benveniste define a função do composto: "transferir para o virtual a relação atual de predicação enunciada pela oração de base" (citado por Evanildo Bechara, in Moderna Gramática Portuguesa. 37. ed. rev. e ampl. Editora Lucerna, 2004).